

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE OFICINAS PEDAGÓGICAS SOBRE SEXUALIDADE REALIZADAS POR ACADÊMICAS DE MEDICINA EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Bárbara Marinelli da Silva

*Bruna Elisa Arsego

*Bruna Pereira Bonfim

*Carla Caroline Diniz Dias Fernandes

**Isabel Cristina Belasco*

RESUMO

Este trabalho trata-se de um relato da experiência vivenciada por um grupo de acadêmicas do curso de Medicina de uma Universidade do interior do Estado de São Paulo em decorrência da vivência em uma disciplina de integração ensino-serviço na qual os alunos se inseriram nas Escolas de Educação Básica na área adscrita às Unidades de Saúde. Foram realizados três encontros nos quais as Acadêmicas desenvolveram um projeto de Educação Preventiva em Sexualidade à luz do referencial teórico-metodológico de Paulo Freire. O público alvo foram sujeitos de 10 a 13 anos do 5º ano de uma Escola Municipal de Educação Básica. Foram discutidos aspectos da mudança corporal decorrente da adolescência, menstruação, métodos contraceptivos, DST e gravidez. Concluiu-se que quanto maior o nível de informações acerca da temática, mais responsável e cidadã serão as atitudes dos adolescentes e jovens relativas a sua sexualidade.

Palavras Chave: Educação Preventiva, Sexualidade, Educação Básica.

1. Introdução

A adolescência é caracterizada pela transição da fase infantil para a adulta, marcada pelo crescimento e desenvolvimento humano, além da construção de uma personalidade que pode sofrer influência psicossocial, cultural e familiar. Nesse período, o adolescente passa por mudanças comportamentais, caracterizados por conflitos próprios e relacionados aos pais, sente então a necessidade de buscar outras pessoas, fora do âmbito familiar. (SOARES et al, 2008)

No que diz respeito às doenças sexualmente transmissíveis e a síndrome da imunodeficiência adquirida, é imprescindível que a prevenção mereça enfoque prioritário, sobretudo quando o alvo das ações é a população jovem (BENTO, 2000). As modificações bio-psico-sociais que ocorrem no adolescente podem interferir no processo natural do seu desenvolvimento, fazendo com que ele sinta necessidade de experimentar comportamentos que o deixe mais vulnerável a riscos para a sua saúde, inclusive no aspecto da sexualidade.

* Acadêmica do Curso de Medicina da UNOESTE

** Doutora em Enfermagem, Docente do Curso de Medicina da UNOESTE

Devido à necessidade pela aceitação dentro de um grupo, os jovens podem assumir papéis dos quais não estão preparados, pois quando individualizados se sentem inseguros e expostos a críticas de outros. Porém, quando agrupados ficam mais confiantes, sem sentimento de medo, vergonha e de inferioridade. Por ter a dificuldade em lidar com expectativas e esperas, muitas vezes, o jovem toma atitudes precipitadas, sem refletir nas consequências de suas ações. (FONSECA, GOMES, TEIXEIRA, 2010; SOUZA et al, 2007)

Nesse sentido, o jovem vive um período de novas experiências e descobertas, que, somadas a curiosidade, assuntos como drogas e sexualidade, causam comumente o desejo da experimentação, deixando-os mais susceptíveis aos prejuízos que esses fatores podem trazer para um período já tão conturbado como é a adolescência.

Frente à sociedade portadora de padrões previamente estabelecidos e devido à fase de instabilidade e insegurança em que estão passando, os jovens se apresentam frágeis por ainda não possuírem sua definição como indivíduo e se tornam vulneráveis, com o início da vida sexual precoce em que muitas vezes é irresponsável e inconsequente. Tudo isso, culminando no agravo da ausência de uso de preservativos e contraceptivos, aumentando o número de gravidezes indesejadas e a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV, resultando em alterações nos projetos futuros de cada adolescente. (SOARES, et al, 2008).

Essa realidade está relacionada muitas vezes com a falta de diálogo familiar. Os pais e as mães ainda possuem dificuldades de abordar questões sobre sexualidade junto aos filhos, não só por constrangimento, mas também por medo de que os adolescentes entendam através dessa conversa que eles já estejam preparados para iniciar a vida sexual ao invés de apenas conscientizá-los sobre os perigos que uma relação irresponsável pode trazer. Sendo comum, os pais delegarem o papel para a escola, já que esta é eleita o local para inserir o processo educacional, portanto o lugar adequado para uma educação preventiva em relação à sexualidade. (FONSECA, GOMES, TEIXEIRA, 2010)

Dessa forma advém a necessidade de se lançar mão de mecanismos eficientes para orientar não só a eles como também toda a equipe que possa atendê-los como: os próprios pais, professores, médicos, enfermeiros, etc. visando orientá-los de forma correta e diminuir os possíveis riscos, seja de gravidez precoce, DST's, ou aborto inseguro.(SOUZA et al, 2007)

Atualmente não há leis que amparam o jovem nesse aspecto. O próprio ECA é carente quanto aos direitos sexuais dos jovens, mas deixa claro a prioridade no atendimento, acompanhamento (pré-natal) pelo SUS de gestantes adolescentes. Todavia, ao considerar o termo "cidadão" e "direito de todos", o adolescente também deve ser incluído. O apoio ao

jovem deve estar na tríade saúde-educação e família, e não ser mais creditado como um tabu. (MORAES, 2012)

A não adesão aos métodos contraceptivos e as medidas de prevenção para as DSTs, a curiosidade pelas drogas, bem como a necessidade de afirmação grupal, tornam os adolescentes susceptíveis a doenças de transmissão sexual. Estudos mostram que o desconhecimento do modo de contágio das DSTs e a não utilização ou utilização incorreta dos métodos de prevenção podem levar prejuízo a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes como a infertilidade, câncer de útero, entre outros.

No Brasil, estima-se que a cada ano, quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos e que ocorram cerca de 12 milhões de DST ao ano, das quais, um terço em indivíduos com menos de 25 anos. A educação em saúde é uma ação básica cujo objetivo é capacitar indivíduos e/ou grupos para assumirem ou ajudarem na melhoria das suas condições de saúde.

Nesse sentido, os grupos têm sido utilizados como um instrumento valioso até mesmo imprescindível para o alcance deste objetivo. Por definição, o grupo é uma unidade de duas ou mais pessoas empenhadas em recíproca interação psicológica, onde os membros podem estar no mesmo ambiente ou distantes, mas interagindo através de algum meio de comunicação. (ALTMANN, 2005)

O grupo para os adolescentes, faz com que se sintam confiantes quanto aos valores delimitados de seus pares, pois diluem sentimentos de vergonha, medo, culpa ou até mesmo inferioridade, também consiste em um espaço para formação de uma nova identidade, ainda que intermediária entre família e sociedade, porém quando não estão em grupo se sentem expostos e inseguros. A adolescência é um tempo crucial quando muitas mudanças biológicas, psicológicas e sociais acontecem, e este assunto geralmente é informado pelos seus pares. É nesse momento de desenvolvimento sexual que esses temas devem ser abordados. (ALTMANN, 2005)

Na adolescência, as relações sexuais estão começando cada vez mais cedo, o que implica em grandes riscos à saúde do adolescente. É importante perceber que nesse aspecto as jovens que vivem em situações de pressões culturais, sociais e econômicas estão mais vulneráveis as doenças. (ALTMANN, 2005)

Há algum tempo, a sexualidade era assunto bastante restrito principalmente para as mulheres. Percebe-se ainda muita desigualdade entre os sexos, tanto no trabalho, no acesso ao poder, na família e também na vivência da sexualidade em seus múltiplos aspectos: prazer, desejo, violência. A desigualdade relacionada a sexualidade nas jovens adolescentes engloba assuntos como gravidez, aborto, DSTs. Esses temas sinalizam uma sexualidade baseada no

risco, perigo e doença, raramente aborda-se assuntos como o prazer, amor, emancipação. (SAAVEDRA, NOGUEIRA, MAGALHAES, 2010)

É importante que programas de educação sexual e de prevenção deem ênfase aos encontros sexuais e que valorizem a saúde sexual e reprodutiva, que demonstrem a importância da comunicação entre o casal, evidenciando a responsabilidade mútua dos parceiros frente a sexualidade.

Alguns estudos apontam para a necessidade de adoção de práticas educativas mais eficientes e mais precocemente, principalmente no ambiente escolar, devido a alguns resultados encontrados como os limites de informações ou conhecimento insuficiente e errôneo sobre as práticas preventivas às DSTs, associando a isso o baixo nível de escolaridade, e ainda um sistema educacional desestimulante o qual tem o dever de levar a informação correta até o público-alvo e permitir sua participação no processo de ensino-aprendizagem. (MORAES, 2012)

Pesquisas mostram que nas escolas o tema sexualidade é tratado de maneira extremamente fisiológica, logo, muito superficial quando se analisa as inúmeras dúvidas apresentadas pelos adolescentes acerca deste assunto. Os livros didáticos apresentam a sexualidade aos alunos com um enfoque na reprodução, o que cria um paradoxo, já que a gravidez não desejada é o que se pretende evitar entre os jovens.

Nota-se um despreparo dos professores ao lidar com o lado mais humano da sexualidade, o que acaba por distanciar os adolescentes, fazendo com que muitos deles iniciem suas vidas sexuais sem o conhecimento necessário para tal experiência. (ALTMANN, 2005)

É necessário se envolver com o adolescente, conhecer o ambiente em que ele vive, passar confiança para que ele se sinta confortável para fazer suas perguntas. Não fazer julgamentos e usar uma linguagem simples e contextualizada durante as explicações pode fazer com que os adolescentes se sintam mais à vontade para falar sobre a sexualidade.

É importante se interessar pelos questionamentos de cada adolescente e ir além dos livros didáticos, falando sobre relacionamentos, DSTs, importância da primeira relação sexual, respeito pelo outro, as dificuldades de uma gravidez não planejada, métodos contraceptivos e tudo mais que possa ser dúvida. (ALTMANN, 2005)

2. Objetivo

O objetivo deste estudo é relatar a experiência de Acadêmicas de Medicina com um grupo de adolescentes através de oficinas de educação sexual, embasadas na metodologia participativa de Paulo Freire.(FREIRE, 1999)

3. Metodologia

Segundo FREIRE(1993), pensar o mundo é julgá-lo e por essa razão, a opção por uma educação que leve o educando a viver uma pedagogia que se construa com ele e não para ele, trazendo à luz um “ser mais”, capaz de questionar os determinantes e condicionantes sociais e políticos, tornando-o crítico e construtivo para um mundo de respeito e de liberdade.

Bordenave(1994), nos alerta para a diferença entre a educação bancária e a educação problematizadora ou libertadora , em que a primeira se preocupa essencialmente com o conteúdo a ser transmitidos pelo professor, a um aluno “fragmentado” e “isolado do social”, passivo e acrítico, e a segunda, voltada para a transformação, solução de problemas por parte do educando.

A pesquisa-ação tem sido utilizada no desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Na área da saúde, esse tipo de pesquisa é utilizado em especial nos programas de saúde coletiva, pois com uma significativa participação popular, torna-se um instrumento valioso, ocorrendo uma construção social de conhecimento, por meio da interação e cooperação dos atores (THIOLLENT, 2002).

A metodologia em questão emergiu tanto como ferramenta de inclusão dos sujeitos quanto como possibilidade de transformação das práticas de saúde. Entendemos ser esta uma importante metodologia por aliar pesquisa e ação simultaneamente, ou seja, academia e prática como via de mão dupla. (BENTO, 2005)

Adotou-se a metodologia Freiriana, pois visa despertar o senso crítico e o diálogo entre as partes (acadêmicas e alunos) para juntá-los num processo de construção coletiva, numa perspectiva solidária. As questões a serem abordadas em relação à sexualidade devem surgir do interesse e do cotidiano dos jovens.(AQUINO, 1997)

Sendo assim, esse trabalho foi realizado com alunos na faixa de 10 a 13 anos da 5º ano do ensino fundamental em uma escola estadual do interior paulista. Nossos encontros eram semanais e duraram 3 semanas. Na primeira semana, levamos para a escola duas caixas nas quais os alunos pudessem depositar filipetas com suas dúvidas, sem a necessidade de se identificarem. Após dois dias essas caixas foram recolhidas. Após analisar todas as dúvidas descritas pelos alunos, nós as dividimos em 6 grupos temáticos, que foram: gravidez,

métodos contraceptivos, menstruação, doenças sexualmente transmissíveis, sexualidade e puberdade.

No segundo encontro com os adolescentes abordamos apenas 3 dos 6 temas. Os temas abordados neste momento foram: menstruação, gravidez e puberdade. Para abordar esses temas os alunos foram divididos em dois grupos: meninos e meninas. Após a divisão, os alunos foram dispostos em um círculo, e as perguntas feitas por eles mesmos foram colocadas em um saco sendo que cada aluno retirava uma pergunta, a lia e assim nós abríamos uma discussão acerca do que havia sido perguntado.

Os que se sentiam a vontade expunham sua opinião sobre o assunto. As acadêmicas, além de conduzirem a discussão, iam corrigindo eventuais erros e ressaltando os acertos. Neste dia foram expostos todos os tipos de absorventes existentes no mercado: absorvente interno, absorvente com abas, sem abas e noturnos. Foi explicado pelas acadêmicas quais devem ser usados nas diversas situações e o modo de uso. Também foram abordadas as mudanças corporais e emocionais que ocorrem na adolescência, tanto nos meninos quanto nas meninas, para a ilustração, usamos moldes anatômicos dos órgãos masculinos e femininos, além da apresentação em slides.

No terceiro e último encontro foram expostos os demais temas: doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e sexualidade. Neste dia os alunos não foram divididos em grupos. Foram montados slides sobre os temas, foi instalada uma roda de conversa ao final da apresentação e respondidas as perguntas feitas por eles, sempre incentivando a participação de todos.

Foram apresentados aos alunos os seguintes métodos contraceptivos: camisinha masculina e feminina, DIU, pílula anticoncepcional, anticoncepcional injetável e anticoncepcional usado durante a amamentação. Através de figuras, foi demonstrada a maneira correta de se colocar tanto a camisinha feminina quanto a masculina. Também foi mostrada a colocação do DIU ressaltando que apenas o médico realiza a sua implantação. Para encerrar o trabalho, foram apresentados alguns vídeos sobre a puberdade e a gravidez.

4. Conclusão

Nos dias atuais, com o aumento da incidência de DST's, principalmente AIDS e de adolescentes grávidas, os pais e a escola munem o adolescente com informações negativas no âmbito da sexualidade. As redes sociais e a mídia por sua vez, já mostram o lado oposto. O erro encontra-se na maneira como o tema é abordado, haja vista que normalmente os

interlocutores possuem seus próprios valores e dogmas e de certa forma os transmitem através do diálogo ou do ensino sobre a sexualidade.

Os jovens devem se sentir cômodos para exporem suas dúvidas, e é necessário um ambiente de descontração onde eles se sintam à vontade para perguntas e discussões com sinceridade. Escolhemos abordar o tema sexualidade na escola, pois, nesse ambiente o aluno de certa forma, assume uma autonomia que não existe no ambiente familiar, assim, ele é capaz de refletir sobre si próprio com mais confiança e liberdade, qualidades importantes para o processo de aprendizagem.

Os temas de interesses dos alunos mudam de acordo com a faixa etária e o nível socioeconômico do grupo, e aproveita-se o tema principal para se aprofundar em outros temas correlacionados, a fim de sanar o maior número de dúvidas possível. Lembrando que somente informações sobre anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, embora sejam necessárias, não são suficientes para que se possa introduzi-los ao amplo conceito de sexualidade.

Tudo leva a crer que quanto mais conhecermos e compreendermos a sexualidade, maior será a capacidade de ampliar o seu sentido e, ao mesmo tempo, aumentar a amplitude do “livre arbítrio”, para tomadas de decisões autônomas e responsáveis no que tange ao desejo, ao prazer e ao amor. (AQUINO, 1997)

A educação sexual é um processo de transformação e de transpor estereótipos e preconceitos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN H. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da PUC do Rio de Janeiro. 2005.

AQUINO, J.G. (coord) **Sexualidade na escola,:** Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

BENTO, I.C.B. **Educação Preventiva em Sexualidade, IST/AIDS para o Surdo através da Pesquisa-ação**. Tese de Doutorado apresentada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 2005

_____. I.C.B. **Problematização e Pesquisa-Ação em Sexualidade, Dst e Aids com Universitários**. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 2000

BORDENAVE, J.D., PEREIRA, A.M. – **Estratégias de ensino-aprendizagem** Petrópolis, Vozes, 1994 312p

FONSECA A.D., GOMES V.L.O., TEIXEIRA K.C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de Enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, abr-jun, 2010.

FREIRE, P. – **Pedagogia do Oprimido**, 22ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999

_____. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MORAES, S.P., VITALLE, M.S.S. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Rev. Assoc. Med. Bras.** [online]. 2012, vol.58, n.1 [cited 2014-08-29], pp. 48-52 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302012000100014&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-4230. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302012000100014>.

SAAVEDRA, L.; NOGUEIRA, C.; MAGALHAES, S. Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 31, n. 110, Mar. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Aug. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000100008>.

SOARES SM, AMARAL MA, SILVA LB, SILVA PAB Oficinas sobre Sexualidade na Adolescência: Revelando Vozes, Desvelando Olhares de Estudantes do Ensino Médio. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, setembro, 2008 p 485-91.

SOUZA, M.M. et al . Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 60, n. 1, Feb. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000100020&lng=en&nrm=iso>. access on 31 Aug. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672007000100020>.

THIOLLENT, J.P.M. – **Metodologia da Pesquisa Ação**, 4ª ed., São Paulo, Cortez, 2002.